

## **EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA “SUBJETIVIDADE POLÍTICA” DOS ESTUDANTES.<sup>1</sup>**

**José Bolívar Burbano Paredes**

Doutor em Ciências da Educação

Universidade Federal do Maranhão

burbano@bol.com.br

### **RESUMO**

O presente trabalho destaca a importância do domínio dos fundamentos teórico-práticos sobre a formação da subjetividade no cotidiano das instituições escolares e do trabalho docente, especialmente no contexto da formação política dos estudantes; uma vez que, no discurso pedagógico se prioriza a importância da formação política dos estudantes, no entanto, a prática fica restrita à simples transmissão do conhecimento. Na dinâmica da estruturação da subjetividade ressaltamos a importância da educação escolar e do trabalho dos professores no desenvolvimento das pessoas e na formação das subjetividades dos estudantes, seja desde uma perspectiva particular até a compreensão de uma subjetividade “social” e “política”, pois se considera que os indivíduos não se formam só para si mesmos senão também para atuar como seres políticos, críticos e transformadores da sociedade. Valoriza-se, desta maneira, as contribuições da Psicologia nos processos de escolarização e na formação da subjetividade política tanto de alunos como dos professores.

Palavras chaves: Escolarização. Subjetividade. Subjetividade política.

### **INTRODUÇÃO**

A história da humanidade nos demonstra que os seres humanos, desde a época primitiva, se preocuparam em cuidar e garantir que os novos membros aprendam conhecimentos, práticas e costumes que os permitam estar aptos a enfrentar o mundo e sobreviver dentro dele; nesse sentido, o entorno humano e as interações que nele acontecem “constroem a nossa humanidade” e estruturam a nossa identidade e subjetividade. Nesse contexto, a “humanidade” e a subjetividade não são transmitidas; a subjetividade é “una producción subjetiva orientada a producir alternativas frente a las condiciones objetivas en que vive la persona” (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 45).

Considerar a subjetividade como “uma produção” e, portanto, como “um processo”, contribui positivamente na compreensão da natureza dinâmica da condição humana; a mesma que continuamente se envolve em processos dialéticos de interrelação do seu “eu interno” (subjetivo)

---

<sup>1</sup> Este trabalho forma parte da pesquisa intitulada “Educação e subjetividade: desafios do trabalho docente na contemporaneidade”.

com “o externo” (o objetivo) para dar “um sentido” pessoal e social ao “objetivo”, configurar sua natureza psíquica pessoal e, portanto, construir a sua “subjetividade” como uma maneira pessoal de sermos no mundo; pois, “la subjetividad es un sistema de representaciones y un dispositivo de producción de significados y sentidos para la vida, de valores éticos y morales gobernados por el deseo inconsciente y los ideales del yo, que determinan en su conjunto los comportamientos prácticos del individuo” (GALENDE apud MELILLO, 2008, p. 26).

Nesta dinâmica da estruturação da subjetividade, a educação escolar e o trabalho dos professores contribuem principalmente no desenvolvimento das pessoas (COLL, 1994) e na formação das subjetividades dos estudantes, mesmo quando as políticas públicas educacionais priorizam a formação do trabalhador. Convém especificar que esse “futuro trabalhador” é uma pessoa com uma identidade pessoal, social, cultural e “subjetividade” específicas; características que orientarão e determinarão as formas de realizar-se como pessoa, seja no mundo do trabalho como no âmbito familiar, político e econômico.

No âmbito da educação escolar, a partir da segunda metade do século passado, várias vertentes teóricas discutem a importância da formação política dos estudantes, principalmente desde uma perspectiva sociológica e econômica; no entanto, não se discute desde o ponto de vista psicológico. No caso concreto do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, os programas das disciplinas, e entre elas as de Psicologia, não contemplam a discussão e aprofundamento teórico da educação como prática de formação da subjetividade e nem da “formação da subjetividade política”. Diante do exposto, a finalidade e objetivo deste trabalho é destacar os fundamentos teóricos relacionados com a formação da “subjetividade política”, de maneira que os profissionais da educação se conscientizem que a formação da “subjetividade política” não é um mero discurso senão que tem fundamentos teórico-práticos que se concretizam no cotidiano dos processos de escolarização; pois, como afirma Gadelha (2009, p. 173) a subjetividade envolve-se “em processos, políticas, dispositivos e mecanismos de subjetivação, isto é, de constituição de identidades, de personalidades, de formas de sensibilidade, de maneiras de agir, sentir e pensar, normalizadas, sujeitadas, regulamentadas, controladas...”.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE POLÍTICA DOS ESTUDANTES

Reconhecer o papel formador da escola implica aceitar que a escola também é um espaço privilegiado de subjetivação das pessoas e, sem desmerecer as relações familiares e sociais, se torna importante aprofundar na maneira, na história e nas condições institucionais em que se desenvolvem tanto o processo psíquico da subjetivação como os processos de construção do laço social humanizante; pois, como afirma Dueñas (In: REVISTA GENERACIONES, 2012, pp. 22-28), nas instituições sociais se evidenciam as formas concretas e significativas de configuração das tramas singulares de subjetivação.

Na atualidade, as tramas de subjetivação são ainda mais desafiadoras se admitimos, como manifesta Bauman (2013, p. 36) que vivemos num “mundo volátil como el de la modernidad líquida, en el cual casi ninguna estructura conserva su forma el tiempo suficiente como para garantizar alguna confianza y cristalizarse en una responsabilidad a largo plazo...”. Esta realidade “volátil” nos remete a discutir sobre os valores e princípios que devem orientar a educação, a socialização, a culturização e a subjetivação das pessoas; pois, frente a uma realidade em constante e rápida transformação também a subjetividade encontram-se afetada, desafiada e em constante estruturação.

Segundo Anthony Elliott (1997 apud SCHLEMENSON, 2013, p. 43) a subjetividade constitui-se no “posicionamiento psíquico que asume un sujeto a partir del cual modifica y amplia su campo social por la inclusión de una diversidad de posiciones”. Sendo assim, a subjetivação, além de nos proporcionar identidade pessoal e social, configura determinadas formas de nos inserirmos no mundo econômico, social e cultural, tanto para fazer uso dele como para transformá-lo, pois enquanto sujeitos sociais, somos desafiados a viver em sociedade e a nos sentirmos responsáveis do nosso entorno.

Este compromisso com o social (“subjetividade política”) constitui-se num outro desafio importante na formação das pessoas; desafio que deve ser assumido pela família, pela escola e por todos os agentes sociais preocupados com o futuro das pessoas e da sociedade; pois, “educar la subjetividad política es tarea de cada uno y desafío colectivo, es demanda de las circunstancias y arbitrio de quienes quieren transformarse en actores sociales ejerciendo su propio poder” (ISABELINO SIEDE apud RUIZ SILVA, 2012, p. 17).

Portanto, a discussão e reflexão sobre o papel da educação e do trabalho docente se constituem em desafios políticos, uma vez que estamos formando pessoas para viver numa realidade social, política, econômica e cultural cheia de significações de poder, controle e conflito, o que exige um posicionamento político; pois,

lo que podríamos llamar de subjetividad política no se encuentra por fuera de la historia. Se trata, principalmente, de una construcción psicológica y social que posee un significado diferencial según la época y el tipo de sociedad en la que se vive, la intensión política que posiciona al sujeto, sus conflictos y los niveles de aceptación o resistencia que generan sus proyectos sociales en cada contexto” (RUIZ SILVA, 2012, p. 114).

Nesse sentido, e tendo em conta a realidade atual, onde constatamos a rapidez das transformações científicas, econômicas, sociais, políticas e culturais, necessitamos que os processos formativos (entre eles os desenvolvidos pelas instituições escolares) se preocupem em preparar as crianças, adolescentes e jovens para se sentirem responsáveis por suas vidas e por tudo o que acontece ao seu redor, porque, como afirma Isabelino Siede (apud RUIZ SILVA, 2012, p. 18),

para convalidar los procesos históricos vigentes o para enfrentarlos, formar la subjetividad política es dar herramientas para el ejercicio del poder. Y es también construir puentes entre la vida propia y el contexto social, pues no se puede formar “lo humano” de cada uno sin formar también lo ético y lo político que nos constituyen como seres históricamente situados”, pues como él mismo dirá “el funcionamiento de las instituciones públicas se asienta sobre la cultura política de los sujetos. Allí afloran la complacencia o la rebeldía, el individualismo o la solidaridad, la práctica deliberativa o la prepotencia, entre otros rasgos que dan sustento subjetivo a los procesos políticos

Nesse contexto, a “subjetividade política” não constitui um discurso vazio senão uma prática de humanização e subjetivação de pessoas e identidades com fundamentos teóricos e epistêmicos específicos, que devem ser conhecidos e trabalhados pelos docentes enquanto sujeitos sociais e históricos formadores de novas gerações e de novos sujeitos políticos que se sentam responsáveis por si mesmos, pelos outros e pelo mundo.

Esta responsabilidade consigo mesmo, com os outros e com o mundo se expressa em atitudes de respeito, solidariedade, colaboração, diálogo. Atitudes que devem ser construídas e vivenciadas, também, no ambiente escolar como parte da formação da cidadania e da formação política dos alunos (subjetividade política), de maneira que reconheçam o valor e a importância dos

outros na nossa humanização e na construção de uma sociedade mais humana. Por esse motivo, o trabalho dos professores e o ambiente escolar devem constituir-se em ambientes de humanização e politização, onde os alunos, além de sentir-se bem, devem experimentar processos de construção e desenvolvimento da sua identidade pessoal e social, através da vivência de atitudes que os valorizem como pessoas, que respeitem suas posições e que lhes permita melhorar na sua capacidade de autovalorizar-se como sujeitos históricos e socialmente responsáveis.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Uma discussão crítica e política da escola e do trabalho dos professores deve enfatizar as interferências das interações humanas no processo de ensino-aprendizagem, na formação da nossa humanidade e na formação da subjetividade, tanto pelo próprio sentido e fins da educação como pelo longo período de tempo em que as pessoas passam no ambiente escolar (Althusser, 1983; Bourdieu, 1999; Dueñas, 2012), o que necessariamente deixa marcas de subjetivação.

Deste ponto de vista, as instituições educacionais devem constituir-se em ambientes que favoreçam o estabelecimento de relações interpessoais positivas e motivadoras entre os professores e os alunos, de maneira que o trabalho docente garanta que os alunos tenham acesso a formas particulares de subjetivação, assim como ao conhecimento e aos saberes que são necessários para ter sucesso na vida. Por esse motivo, é importante destacar a importância da figura e do trabalho do professor na mediação do conhecimento e na formação de identidades.

Na formação da subjetividade, é importante que se proporcione aos alunos situações de aprendizagem que os permita adquirir estratégias de exploração, descobrimento e análise crítica da realidade e dos conhecimentos, na perspectiva de desenvolver a formação e compromisso social, ético e político, fatores constituintes de uma “subjetividade política” de tal maneira que se sintam capazes de refletir e posicionar-se positivamente sobre si mesmos e sobre a realidade que os rodeia. Neste sentido, se busca estruturar uma prática educativa que se comprometa com o desenvolvimento integral das pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad líquida*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COLL, César. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- COLL, César; MARTIN, Helena (et. al). *Aprender conteúdos e desenvolver capacidades*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- FONTANA, Roseli Ap. Cação. *Mediação pedagógica na sala de aula*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.
- GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação. Introdução e conexões, a partir de Michael Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *El sujeto y la subjetividad en la psicología social: un enfoque histórico-cultural*. 1ª. Ed. 2ª. reimp. Buenos Ares: NOVEDUC, 2013. 168 p.
- IMBRIANO, Amelia Haydée. *La odisea del Siglo XXI: Efectos de la globalización*. 2ª. edic. Buenos Aires: Letra Viva, 2010.
- MALUF, Maria Irene (coord.). *Aprendizagem: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade*. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagoga, 2006.
- MELILLO, Aldo; SUAREZ OJEDA, Elbio Néstor y RODRÍGUEZ, Daniel. *Resiliencia y subjetividad. Los ciclos de la vida*. 1ª ed. 2ª. reimp. Buenos Aires: Paidós, 2008. 360 p.
- Revista GENERACIONES. *Pensar con el psicoanálisis niños/as – adolescentes – famílias*. Adrian Grassi. Año 1. No. 1. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 2012. ISSN 1852-5466.
- RUIZ SILVA, Alexander e PRADA LONDOÑO, Manuel. *La formación de la subjetividad política: propuestas y recursos para el aula*. 1ª. Ed. Buenos Aires: Paidós, 2012. 280 pp.
- SCHLEMENSON, Silvia (et. al). *Subjetividad y lenguaje en la clínica psicopedagógica: voces presentes y pasadas*. 1ª. Ed. 3ª. reimp. Buenos Aires: Paidós, 2013. 144 p.